



A TESE DA MINHA TESE: O CONCEITO DE IDEIA E A RESOLUÇÃO DO PROBLEMA DO SOLIPSISMO NA METAFÍSICA CARTESIANA¹

Marcos Alexandre Borges²

Resumo: O presente escrito tem como objetivo principal responder à pergunta sobre qual é a tese da minha tese de doutorado. Esta Pesquisa propõe uma discussão da metafísica de Descartes a partir de uma interpretação do seu conceito de ideia, especificamente aquele construído na terceira das *Meditações Metafísicas*. Busco compreender o que são as ideias e qual o seu papel principal na metafísica cartesiana, com resultados diferentes daqueles obtidos pelos principais comentadores do cartesianismo, especialmente em relação à já consagrada leitura de Martial Gueroult, segundo a qual o objetivo primordial da teoria das ideias presente na Meditação Terceira, bem como dessa meditação como um todo, é resolver o problema do valor objetivo das ideias. A presente pesquisa propõe uma leitura da Meditação Terceira segundo a qual há um objetivo mais fundamental a ser realizado pelas ideias na terceira das *Meditações Metafísicas*. A tese que se pretende defender aqui é a de que o objetivo primordial das ideias na Meditação Terceira está diretamente relacionado ao problema do solipsismo, o principal problema que Descartes se propõe a resolver nesta meditação. Ou seja, pretendo defender que o objetivo primordial da teoria das ideias presente na Meditação Terceira é provar que o Eu (sujeito) não existe sozinho, é afirmar a necessidade da existência de um outro. Para tanto, abordo as duas primeiras meditações, a fim de reconstruir o caminho percorrido até a Meditação Terceira, e compreender de que maneira se constitui o problema do solipsismo, que permanece até grande parte da terceira das meditações. Através da análise da teoria cartesiana das ideias, pretendo explicitar que o principal problema ali expresso é o de julgar que existem coisas exteriores ao sujeito de onde procediam as ideias; que o objetivo primordial da abordagem cartesiana das ideias tem relação com este problema, e consiste fundamentalmente em criar condições para que o sujeito possa admitir a existência de outro ente.

Palavras-chave: Descartes. Problema do solipsismo. Ideia.

Abstract: This paper aims to present the thesis of my thesis. This research proposes a discussion on Descartes' metaphysics through an interpretation of his concept of idea, specifically that one presented in the third of his *Meditations on First Philosophy*. I have sought to comprehend what

¹ O presente artigo é uma versão modificada de um texto que foi escrito para gravação de vídeo apresentado no XXVI Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da UNIOESTE, e disponibilizado no Canal do YouTube do Programa de Pós-Graduação em Filosofia desta mesma universidade <<https://www.youtube.com/watch?v=Eksi0T6cwDA&list=PLkDjkD5LOHdtdnd5VnAu19PgAhiLVqHjoG&index=6>>. O artigo pretende apresentar, de maneira resumida, a minha tese de doutorado: "O conceito de ideia e a resolução do problema do solipsismo na metafísica cartesiana" (2020), realizada na UNIOESTE, sob a orientação do Prof. Dr. César Augusto Battisti.

² Doutor em Filosofia pela UNIOESTE. Professor do curso de Licenciatura em Filosofia e do Programa de Pós-Graduação, Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO), da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro da Escola Amazônica de Filosofia (EAF). Endereço eletrônico: marcos.borges@uem.br.

ideas are and what their main role is in Descartes' metaphysics, and I have achieved results that differ from those obtained by major commentators of Descartes' thoughts, especially in relation to the renowned reading of Martial Gueroult, according to which the prime goal of the theory of ideas found in the Third Meditation, as well as that of the whole meditation, is to solve the problem of the objective value of ideas. This research proposes a reading of the Third Meditation that states that there is a more fundamental objective to be achieved by ideas in the third of the *Meditations on First Philosophy*. The thesis to be defended here is that the prime goal of ideas in the Third Meditation is directly related to the problem of solipsism, the main problem Descartes tries to solve in that Meditation. Therefore, we want to defend that the prime goal of the theory of ideas in the Third Meditation is to prove that the "I" (subject) does not exist on its own, and to affirm a need for an "other". For that purpose, we approach the First and Second Meditations in order both to reconstruct the path taken towards the Third Meditation, and to comprehend how the problem of solipsism, which remains in a great part of the Third Meditation, is composed. Through analysis of Descartes' theory of ideas, we intend to evince not only that its main problem is that of judging there are things exterior to the subject from which ideas came, but also that the prime goal of Descartes' approach to ideas is related to this problem and consists, fundamentally, in setting up conditions so that the subject can acknowledge the existence of another being.

Keywords: Descartes. Problem of Solipsism. Idea.

O presente artigo é motivado por uma belíssima iniciativa dos organizadores do XXVI Simpósio de Filosofia da Unioeste – minha *alma mater* –, que, para celebrar os cinco anos de defesas de teses, provocaram os egressos do Programa de Pós-Graduação em nível de doutorado dessa instituição a fazer uma apresentação de suas teses em vídeo, e em seguida em texto (cujo resultado aqui se encontra). Na verdade, a provocação ia muito além de fazer uma “mera” apresentação da tese, mas responder, em um vídeo de cerca de dez minutos, à seguinte pergunta: “Qual é a tese da tua tese?”.

Inicialmente, imaginei que a tarefa não traria muitas dificuldades, o que não se confirmou nos momentos em que me dediquei para sua realização (talvez pelo meu limitado poder de síntese). De todo modo, foi uma excelente e prazerosa oportunidade de revisitar o meu trabalho, e voltar a me ocupar com as questões que enfrentei, muitas das quais precisaram ficar de fora, uma vez que a tarefa pedia para que falássemos da tese da tese, no singular. Diante disso, a partir da provocação mencionada no parágrafo anterior, considerando o tempo que me foi dado, e considerando a necessidade de tratar minimamente da questão que me leva a tese da tese (na intenção de ser compreensível para quem se dará ao trabalho de ler esse escrito), eu me dediquei a tratar da principal tese de minha tese, a mais geral, por assim dizer. Eis o que apresento no texto abaixo.

A minha tese teve como tarefa abordar a terceira das *Meditações sobre a filosofia primeira*, e investigar o conceito de ideia nela desenvolvido por Descartes. A pergunta central é

aquela sobre o objetivo principal da teoria das ideias presente nesse texto. Não se trata de uma pergunta nova, muito menos de um questionamento desprovido de uma resposta. Pelo contrário, há uma tese consagrada que se ocupa exatamente em dizer qual é o objetivo primordial da teoria das ideias da Meditação Terceira de Descartes.

Martial Gueroult, em seu *Descartes selon l'ordre des raisons* (1953), desenvolve esse questionamento, e em sua resposta defende a tese segundo a qual o objetivo principal da Meditação Terceira – e, por conseguinte, da teoria das ideias e mesmo das provas da existência de Deus presentes nesta meditação – é resolver o problema do valor objetivo das ideias, “[...] o objetivo primordial não é outro senão descobrir a solução do problema do valor objetivo das ideias [...]” (Gueroult, 1953, p. 184)³. Dizer que as ideias têm valor objetivo, segundo esse comentador, é dizer que as ideias correspondem às coisas exteriores que elas representam (Gueroult, 1953, p. 197). Ou seja, a tese gueroultiana sobre o objetivo principal das ideias na Meditação Terceira defende que esse objetivo consiste em resolver o problema da correspondência entre a ideia de uma coisa e essa coisa mesma. O ponto central que sustenta essa interpretação é a tese de que Descartes lançara, na Meditação Terceira, um princípio a partir do qual o valor objetivo das ideias teria sido estabelecido: o princípio de correspondência entre ideia e ideado. No entanto, de acordo com a análise cuidadosa e contundente de Forlin em uma publicação de 2008, que discute exatamente a existência desse princípio na Meditação Terceira de Descartes, essa é uma tese muito mais gueroultiana que cartesiana, pois se trata da inserção de um princípio que não é encontrado no texto de Descartes⁴.

Considero que a questão sobre a existência de um princípio de correspondência na Meditação Terceira já está suficientemente resolvida pelo escrito de Forlin e, tal como ele, não reconheço a existência de tal princípio nessa meditação. Se não há o princípio de correspondência vislumbrado por Gueroult na Meditação Terceira, pelo qual definir-se-ia o que esse comentador considera ser o objetivo principal da teoria das ideias e dessa meditação como um todo – o valor objetivo das ideias –, suspeito que a teoria das ideias pode ter como tarefa principal algo diferente daquilo que Gueroult considera como tal. Diante dessa suspeita, fez-se necessário uma análise da Meditação Terceira a partir do questionamento a respeito do objetivo principal do conceito de ideia nesta meditação, uma análise que apresente uma resposta diferente da tese de Gueroult.

A discussão desenvolvida por Forlin, que questiona a existência de um princípio de

³ Gueroult reafirma essa tese em diversas partes de seu *Descartes selon l'ordre des raisons* (1953, p. 194, p. 198).

⁴ Em todo o seu texto, Forlin argumenta sobre a inexistência do tal “princípio de correspondência”, sobretudo na seção intitulada “Demonstração da inexistência do princípio de correspondência entre ideia e ideado pela análise detalhada do texto da Meditação Terceira” (2008, p. 132 – 140).

correspondência na Meditação Terceira de Descartes, não chega a oferecer uma resposta alternativa à questão acerca do objetivo primordial das ideias e da Meditação Terceira como um todo. Essa lacuna é o que a minha tese pretende preencher.

Deste modo, não me ocupei em debater o problema da verdade, ainda que esteja diretamente relacionado com a tese de Gueroult sobre o objetivo primordial da Meditação Terceira, pois, apesar do reconhecimento da importância e relevância de Martial Gueroult como historiador da filosofia e como um dos principais intérpretes do cartesianismo, meu trabalho não é sobre Gueroult, mas sobre Descartes. A tarefa proposta é investigar a obra cartesiana, questionar, a partir da leitura da Meditação Terceira, qual o objetivo principal da teoria das ideias dessa meditação, e oferecer uma reinterpretação desse importante texto de Descartes que traga uma resposta diferente daquela dada pelo autor de *Descartes selon l'ordre des raisons*, especificamente sobre o objetivo principal das ideias.

Entender o objetivo principal da teoria das ideias da Meditação Terceira depende de entender a *démarche* do sujeito meditante. Uma vez que as *Meditações* seguem a via dos problemas⁵, é preciso entender qual é o problema que demanda o conceito de ideia para sua resolução. Por esta razão, fez-se necessária uma abordagem da Meditação Terceira, bem como das meditações precedentes, para compreender em qual “lugar”, por assim dizer, o sujeito meditante se encontra no momento em que o conceito de ideia entra em cena na terceira das meditações.

Nessa perspectiva, minha tese começa com a abordagem das duas primeiras meditações, para compreender qual é o problema principal que se configura no andamento do percurso do sujeito meditante até a teoria das ideias da Meditação Terceira. Não significa que considero haver um único problema em todas as páginas das *Meditações* que antecedem a teoria cartesiana das ideias, mas, da mesma forma como me dediquei à compreensão de qual é o objetivo principal das ideias, é necessário entender qual é o principal problema configurado nas *Meditações*, no contexto em que a teoria das ideias começa a ser desenvolvida.

Em minha tese, pretendo mostrar que o principal problema enfrentado na Meditação Terceira é o problema do solipsismo. Esse problema começa a ser configurado na Meditação Primeira, pois um dos efeitos da dúvida é exatamente a impossibilidade de considerar a existência das coisas, não de algumas, mas da totalidade das coisas. Se a dúvida é levada a sério, aquilo que é por ela atingido tem de ficar em suspenso, inclusive a existência de qualquer ente, que é colocada em dúvida (tanto pelo argumento do sonho quanto pelo do Deus enganador).

⁵ Trato desse tema no artigo “O leitor como sujeito meditante: a maneira de demonstrar e o estilo de escrita das *Meditações Metafísicas* de René Descartes” (Borges, 2020b).

Nesse sentido é que já na primeira das meditações o problema do solipsismo começa a ser configurado.

A Meditação Segunda, como procuro mostrar ainda no primeiro capítulo da tese, consolida a situação solipsista do sujeito meditante, pois, com o *cogito*, ou seja, com a descoberta da existência do Eu, o sujeito não adquire, ainda, condições para admitir a existência de outras coisas. Pelo contrário: se com o *cogito* a existência do sujeito se coloca como necessária, concomitantemente a existência de qualquer outra coisa permanece em suspenso. Nesse sentido é que considero a descoberta da existência do Eu, expressa pela proposição *Eu sou, eu existo*, como a chegada ao solipsismo. Se com o *cogito* somente a existência do Eu é afirmada, é como se o sujeito dissesse: “*Eu sou, eu existo, nada mais*”. Após a descoberta do *cogito*, no § 4 da Meditação Segunda, o texto de Descartes busca esclarecer qual é a natureza do Eu então descoberto existente, e, com isso, continua a se ocupar exclusivamente do próprio Eu. Por essa razão, considero que o restante da Meditação Segunda representa a permanência do sujeito na “mais completa solidão”, para usar os termos de Ferdinand Alquié (2005, p. 183).

Ou seja, o problema do solipsismo se configura desde a Meditação Primeira, com a dúvida, passando pela segunda com o *cogito* e a análise da natureza do espírito, até a Meditação Terceira, que, a partir de seus primeiros parágrafos, indica que este é o principal problema a ser enfrentado pelo sujeito meditante. Por exemplo, quando Descartes escreve que o maior erro cometido antes da crítica do conhecimento levada à cabo pela dúvida era considerar

[...] que havia coisas fora de mim donde procediam essas ideias [as ideias da terra, do céu, dos astros, e de todas as coisas percebidas pelos sentidos] e às quais elas eram inteiramente semelhantes (AT VII, p. 35; IX, p. 28 – acréscimo nosso)⁶.

Ademais, é no conceito de ideia que Descartes encontra a condição para a resolução do problema do solipsismo, a partir da análise da primeira passagem, onde o filósofo apresenta sua concepção de ideia na Meditação Terceira, em seu parágrafo sexto, aquela na qual as ideias são concebidas como imagens das coisas (AT VII, p. 37; IX, p. 29). Essa concepção de ideia consiste na aceção segundo a qual as ideias são representantes de coisas e, assim, podem ser entendidas como os signos da exterioridade ontológica, pois é a ideia aquilo que está no sujeito meditante, que lhe dá a ocasião de perceber alguma coisa, mesmo que, pela ação da dúvida, a existência de qualquer outro ente não possa ainda ser admitida.

Após a análise da primeira passagem, onde o conceito de ideia é desenvolvido, mostro

⁶ As citações dos textos de Descartes serão feitas principalmente a partir da edição *standard* das obras completas do filósofo, editadas por Charles Adam e Paul Tannery. As abreviações serão feitas da seguinte maneira: AT, número do volume em numerais romanos e número de páginas em numerais arábicos. Por exemplo: AT IX, p. 124.

que a abordagem das ideias a partir de sua origem, aquela que inicia no § 10 da Meditação Terceira (AT VII, p. 37-38; IX, p. 29), consiste na primeira tentativa de sair do solipsismo. Depois de descobrir que as ideias são os signos da exterioridade ontológica, e que é a partir delas que se pode alcançar a existência de outro ente, o sujeito meditante se dedica a “[...] considerar, no tocante àquelas que me parecem vir de alguns objetos localizados fora de mim, quais as razões que me obrigam a acreditá-las semelhantes a esses objetos” (AT VII, p. 38; IX, p. 30). Após a consideração dessas razões, Descartes conclui o seguinte:

Tudo isso me leva a conhecer suficientemente que até esse momento não foi por um julgamento certo e premeditado, mas apenas por um cego e temerário impulso, que acreditei haver coisas fora de mim, e diferentes de meu ser, as quais, pelos órgãos de meus sentidos ou por qualquer outro meio que seja, enviam-me suas ideias ou imagens e imprimem em mim suas semelhanças (AT VII, p. 39-40; IX, p. 31).

Ou seja, o filósofo chega à conclusão de que as razões que o faziam pensar que há objetos exteriores a suas ideias, que parecem vir de fora, não são suficientemente fortes para que, a partir delas, a existência de coisas exteriores possa ser admitida. Essa primeira abordagem do conceito de ideia, a partir de sua origem, não resolve o problema do solipsismo; se constitui, portanto, como uma tentativa frustrada, pois não conduziu o sujeito à existência de um outro.

Em seguida, mostro que, após a frustração da primeira tentativa de sair do solipsismo, o sujeito meditante se dá conta da necessidade de tomar outro rumo para resolver esse problema, pois percebe que “[...] há ainda uma outra via para buscar se, entre as coisas das quais tenho em mim as ideias, há algumas que existem fora de mim” (AT VII, p. 40; IX, p. 31). Essa outra via começa com a continuidade do desenvolvimento da teoria cartesiana das ideias que, agora, segue uma direção diferente daquela tomada na abordagem das ideias a partir de sua origem. Como procuro argumentar, a via iniciada no § 15 da Meditação Terceira é outra em relação ao primeiro caminho tomado pelo sujeito em sua tentativa de sair do solipsismo, e não se constitui como uma concepção de ideia totalmente diferente daquela iniciada no § 6. Embora não seja uma concepção de ideia absolutamente nova, a partir dessa outra direção anunciada Descartes traz à tona conceitos que não haviam sido empregados explicitamente na acepção de ideia antes apresentada: os conceitos de realidade formal e realidade objetiva das ideias.

Se a primeira tentativa foi frustrada, essa outra via se constitui como o caminho certo para a saída do solipsismo, pois traz os elementos fundamentais que permitem a resolução desse problema: os conceitos de realidade formal e realidade objetiva das ideias e os princípios de causalidade, que conduzem ao critério a partir do qual torna-se possível admitir a existência de outras coisas ou, como eu nomeei: o critério de existência, este sim presente na Meditação terceira:

[...] se a realidade objetiva de alguma de minhas ideias é tal que eu reconheça claramente que ela não está em mim nem formal nem eminentemente e que, por conseguinte, não posso, eu mesmo, ser-lhe a causa, daí decorre necessariamente que não existo sozinho no mundo, mas que há ainda algo que existe e que é a causa desta ideia (AT VII, p. 42; IX, p. 33).

As provas da existência de Deus da Meditação Terceira, as provas pelos efeitos – ou pelas ideias – não fazem outra coisa senão comprovar a minha tese: ao demonstrar a existência de Deus a partir da abordagem de sua ideia, da sua realidade objetiva, Descartes não faz outra coisa senão demonstrar que existe outro ente em relação ao Eu, único existente que pode ser admitido até então.

Não significa, é importante ressaltar, que ignoro o papel de Deus na epistemologia cartesiana como fundamento do conhecimento, como garantidor da verdade. Minha tese não pretende defender que a resolução do problema do solipsismo tenha sido o único objetivo da teoria das ideias de Descartes na Meditação Terceira, isso seria uma simplificação inadequada de um conceito tão complexo presente em uma obra tão dinâmica e também complexa como as *Meditações*. Por essa razão, é importante insistir que minha questão é, desde o início, sobre qual é o *objetivo principal* das ideias na terceira das meditações. E minha investigação conduziu-me à conclusão segundo a qual a teoria das ideias da Meditação Terceira tem como tarefa primordial retirar o sujeito meditante da solidão na qual ele se insere no percurso meditativo por ele seguido. Em suma, esta é a tese da minha tese: o principal objetivo das ideias na Meditação Terceira está necessariamente relacionado com a tarefa principal a ser cumprida nesta meditação. E esta tarefa consiste em resolver o problema do solipsismo.

Como mencionei no início, esse artigo é uma versão deveras resumida do texto de minha tese, que traz – evidentemente –, de forma mais completa, todos os elementos que me levam a defender o que coloco no parágrafo acima. O percurso da dúvida da Meditação Primeira, fundamental para entender os primeiros passos em direção ao solipsismo. A descoberta da existência do Eu pelo *cogito*, indispensável para entender a chegada no solipsismo. A abordagem desse Eu constatado como existente na Meditação Segunda, pela qual mostro o modo como o Eu permanece na situação solipsista em que foi introduzido. A análise detalhada do início da Meditação Terceira, onde Descartes coloca como o principal problema a impossibilidade de saber se existem coisas fora do Eu. A minha interpretação das três acepções de ideia presentes na Meditação Terceira (ideias como imagens das coisas; as ideias a partir de sua origem; as ideias a partir da sua realidade formal e de sua realidade objetiva), fundamentais para mostrar como as ideias são aquilo pelo que o Eu tem acesso às coisas exteriores. A minha abordagem das provas da existência de Deus (e seus pressupostos) na Meditação Terceira, que traz o “primeiro outro” que pode ser admitido como existente e, com isso, supera o problema do solipsismo. Enfim,

todos esses pontos não couberam no texto que aqui segue, da mesma forma que não foram tratados no vídeo gravado para o XXVI Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Unioeste. Mas, também como foi afirmado no início deste escrito, o presente artigo não pretende (e nem poderia pretender) dar conta de todos os pontos que contribuem para sustentar a tese da minha tese. Deste modo, ele é muito mais um convite (claro, àquelas e àqueles que se interessarem) para ir ao texto completo que se encontra no banco de teses da Unioeste, cujo *link* está informado nas Referências, abaixo.

Por fim, termino manifestando meu agradecimento aos organizadores do XXVI Simpósio de Filosofia Moderna e Contemporânea da Unioeste, especialmente à Professora Ester Heuser, pelo convite/provocação para participar desta bela celebração dos cinco anos de teses defendidas pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Unioeste.

REFERÊNCIAS

ALQUIÉ, F. *Leçons sur Descartes*. Paris: La Table Ronde, 2005.

BATTISTI, C. A. *O método de análise em Descartes*. Cascavel, PR: Edunioeste, 2002.

BORGES, M. A. *O conceito de ideia e a resolução do problema do solipsismo na metafísica cartesiana*. 228 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE, Toledo, 2020. Disponível em: <https://tede.unioeste.br/handle/tede/4934>

BORGES, M. O leitor como sujeito meditante: a maneira de demonstrar e o estilo de escrita das meditações metafísicas de René Descartes. *Griot: Revista de Filosofia, [S. l.]*, v. 20, n. 3, p. 295–307, 2020. DOI: 10.31977/grirfi.v20i3.1912. Disponível em: <http://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1912>. Acesso em: 18 jan. 2024.

BORGES, M. A. *O conceito de ideia e a resolução do solipsismo na metafísica cartesiana*. YouTube, 2 de novembro de 2023, Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Eksi0T6cwDA&list=PLkDjkD5LOHdtd5VnAu19PgAhiLVqHjoG&index=6> >. Acesso em: 11 jan. 2024.

DESCARTES, R. *Œuvres*. Paris: Vrin, 1996. 11 vol. Publiées par Charles Adam et Paul Tannery.

FORLIN, E. O Princípio-Fantasma da Meditação Terceira: esclarecimento sobre os termos de formulação da prova cartesiana do valor objetivo de nossas ideias. In: CUSTÓDIO, M. A. D.; VERZA, T. M.; ITOKAZU, A. G. *Necessidade e Eternidade*. Campinas: Unicamp, 2008.

GUEROULT, M. *Descartes selon l'ordre des raisons - I l'âme et Dieu*. Paris: Aubier, 1953. 2 v.